Ano V — Lisboa, Dezembro de 1949 — N.º 56

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Constituiu um grande êxito a reunião da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal



A mesa que presidiu à sessão

Conforme anunciámos no último número, efectuou-se no passado dia 19 de Novembro a reunião da «Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal» para a eleição da Comissão Organizadora.

A sala Algarve da Sociedade de Geografia de Lisboa foi invadida no dia marcado por uma legião de antigos escoteiros, que deram, alguns desmentindo a idade, uma verdadeira lição de espírito escotista, pelo verdadeiro entusiasmo e a mais notória alegria.

Aos convidados era prestada guarda-de-honra à porta pelos escoteiros do Grupo n.º 5 e eram recebidos à entrada da sala pelo Director e Administrador do «*S. P.*», respectivamente Eduardo Ribeiro e Capitolino Ferreira Macedo.

Mais de 400 pessoas assistiram a esta inolvidável sessão que teve início às 10h,20. Da mesa, que era presidida pelo Sr. Com.te Melo Machado, faziam parte os Srs. Coronel Lopes Galvão, representando a Sociedade de Geografia de Lisboa; Major Joaquim Duarte Borrego, antigo dirigente escotista; Carlos Mexia de Castro Paiva, da Associação dos Escoteiros de Portugal, e Avelar Machado, do Ateneu Comercial de Lisboa.

Em primeiro lugar, tomou a palavra o nosso Director que começou por agradecer a todos que, com o seu entusiasmo e incitamento, ajudaram a erguer aquela obra.

Referiu-se depois ao Sr. Com.te Melo Machado, «pioneiro do Escotismo em Portugal» e aos Srs. Carlos Mexia de Castro Paiva e Avelar Machado tendo, a respeito deste senhor, palavras de agradecimento para o Ateneu Comercial de Lisboa, que sempre tem dado ao Escotismo todo o amparo e estímulo. Agradeceu também ao Sr. Coronel Lopes Galvão a cedência da sala pela Sociedade de Geografia.



O Sr. Dr. Tovar de Lemos discursando

«Temos a satisfação de ver junto de nós, esta noite, alguns desses nossos companheiros que, pelas suas excepcionais virtudes e faculdades, constituem valores na nossa querida Pátria».

Prosseguindo, afirmou que a reunião da família escotista é sempre um acontecimento perene de alegria. E continuou:

«Se o Antigo Escoteiro tem a felicidade de reunir saber e cultura às qualidades de carácter e às aptidões moldadas pelo Escotismo, a sua projecção na Sociedade será brilhante e de relevo. Temos a satisfação de ver junto de nós, esta noite, alguns desses nossos companheiros que pelas suas excepcionais virtudes e faculdades, constituem valores na nossa querida Pátria».

Referiu-se depois ao Sr. Dr. Cortez Pinto que, devido às suas ocupações, não pôde estar ali naquela noite, apresentando à assistência saudações afectuosas daquele ilustre dirigente escotista.

Antes de terminar lembrou a figura veneranda do Sr. Dr. Sá Oliveira, que, devido à sua saúde, não

O "Sempre Pronto,, deseja a todos os seus amigos e colaboradores um Natal de Paz e Felicidade.

tinha vindo àquela reunião, endereçando ao grande pioneiro do Escotismo, homenagens respeitosas de todos os que se encontravam ali reunidos.

Em seguida, o Administrador do «*S. P.*» leu a correspondência recebida, a que noutro lugar aludimos.

Alguns apontamentos da história da A. E. P. vividos e contados pelo Dr. Tovar de Lemos.

A seguir tomou a palavra o antigo dirigente escotista Sr. Dr. Alfredo Tovar de Lemos. Durante alguns momentos os «velhos lobos» que se encontravam reunidos na Sociedade de Geografia, ouviram da boca do seu antigo chefe e comissário escoteiro um desfiar de recordações que assinalam os tempos áureos do Escotismo em Portugal; tudo foi ali rememoriado: as dificuldades que se tiveram de enfrentar, as vitórias alcançadas, as derrotas que não puderam ser evitadas.

Eis algumas dessas recordações:

A varinha do Bernardino Cardoso «que *auxiliava* os escoteiros a fazerem as escaladas»; os campos-escolas, de Chefes em Benfica, em 1922 e o de Guias, em Queluz, em 1927; o 1.º acampamento de férias, na Arrábida, e a barraca com a altura de dois andares e feita com 16 panos de tenda, onde o Franklin tinha instalado a secretaria», a tentativa de Fausto Salazar Leite de fundar, nas escolas primárias, grupos de escoteiros, ao abrigo da reforma de ensino de António José de Almeida, a incompreensão por parte dos professores e, por fim, a completa falência de tão ardorosa iniciativa.

E, nessa digressão através dos tempos, lembrou mais:

As lutas e entendimentos com organizações similares, como os Aduneiros, os Escoteiros Municipais e a mais importante de todas, o C. N. E.; as dificuldades de adaptação do Escotismo no Porto e as vicissitudes que Amâncio Salgueiro Júnior teve de vencer, entre as quais o desejo de alguns escoteiros «de acampar nos quintais das suas casas para assim tirarem as respectivas provas de classe»; «O Escoteiro» o primeiro órgão da A. E. P. «que não tinha uma base tão firme como agora o «*Sempre Pronto*», mas era um jornal género pirilampo, ora aparecia, ora tornava a desaparecer». Referiu-se a seguir aos caboqueiros da A. E. P. em Portugal, o prof. Sá Oliveira, Rev. Eduardo Moreira, Roberto Moreton, Rodolfo Horner, Melo Machado e Eduardo Santos.

Lembrou, também, a obra do escotismo nas colónias e os grupos que ali se fundaram.

Em seguida prestou elogio aos grandes escoteiros de Portugal e, durante alguns minutos, ouvimos os nomes e as principais realizações dessas grandes figuras que foram a base e a vida do nosso movimento.

Eis os nomes desses valorosos cavaleiros da Flor de Lis: Dr. Gomes dos Santos, Armando Neves, António e Dinis Curson, prof. Aníbal Pinheiro, Amâncio Salgueiro Júnior, Antero Nobre, Álvaro Viana de Lemos, Henrique Casquilho, Aníbal Ramos, Egídio Mata, Jorge Pereira Jardim, Fremiano Gonçalves, Coronel Pires Monteiro, Alexandre Ferreira, Nascimento Fernandes, José Rodrigues, Clímaco, Franklin, Albano da Silva, Rui Gomes dos Santos, Humberto Martins, João Trigueiros, David e Daniel Baudouin, Fausto Luz, Edmundo Matos, Aníbal Vieira, Isaac Benoliel, Eng.º Henrique de Barros, Major Joaquim Borrego, Cap. José Borrego, Sobral Martins, Carlos e Fernando Centeno, Ernesto de Sousa, Dr. Ernesto Tomé, Alberto Lima Basto, Dr. Edmundo Lima Basto, Prof. Galvão Teles, António Manuel Ribeiro, Carlos Frias, Artur Carmo, Álvaro Dória, Leão de Almeida, Vítor da Fonseca, Dr. Luís Passos, Com. João Manuel Carvalho, Luís Filipe Cardoso, António Namorado, Com. Gabriel de Almeida, Coronel Chagas, Aquiles Melquíades, Vasco Antunes, Eng.º José Maria Nobre Santos.

Congratulou-se também com a presença da Sr.ª D. Maria Luísa Magalhães Pereira, que em 1916 fundou o primeiro grupo de guias (escoteiras).

Referindo-se às figuras de Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, e Rev. Eduardo Moreira, provocou grandes manifestações por parte da assistência, tendo o Rev. Moreira sido chamado à mesa onde foi calorosamente ovacionado.

O Com. Álvaro Melo Machado foi também calorosamente saudado a propósito da exibição de um exemplar do célebre «Capa Azul», o primeiro regulamento da A. E. P. da sua autoria e de Joaquim Borrego.

Ao terminar, o Dr. Tovar de Lemos, dirigindo-se ao presidente da mesa, disse numa demonstração de puro bom-humor escotista:

«Peço-lhe desculpa de ter demorado tanto tempo, mas muito mais tempo estive eu no escotismo!»

E no meio de risos e palmas, o Dr. Tovar de Lemos terminou a sua interessante exposição.

O grupo 53 entoou em seguida a velha canção escotista «Braço Vara» da autoria do Rev.º Eduardo Moreira.

Fala o Dr. Leopoldo de Figueiredo

Seguidamente, o Dr. Leopoldo de Figueiredo proferiu o seu discurso sobre o tema «Fraternidade», e começou por recordar os seus tempos de escoteiro, evocando as figuras de Dr. Tovar de Lemos, então comissário nacional e os elementos proeminentes do velho «1» (o grupo a que pertenceu), Ernesto de Sousa, Cosme Vieira Leitão e Albano da Silva.

Num momento de verdadeira fé no nosso movimento afirmou: «O Escotismo não necessita do nosso reclame, mas tão sòmente do nosso apoio, vontade, iniciativa, valor e exemplo».

Muito aclamado nas suas ardorosas palavras, disse que todos os que ali se encontravam, tinham a certeza de que a doutrina escotista tinha sido um bem para cada um deles.

Referindo-se à organização disse que não havia dúvida de que a Fraternal tinha caído bem no espírito dos antigos escoteiros; a atestar essa declaração estavam as adesões que têm vindo de longe.

Sobre a utilidade do Escotismo como escola de educação, observou que já há muito tempo que isso estava absolutamente assente e que a chamada de dirigentes escotistas para a «Mocidade Portuguesa» era um verdadeiro diploma de competência passado a este movimento.

Uma sugestão importante que pode e deve ser aproveitada.

O orador prosseguindo, vibrante e entusiasta, perguntou: «Que podemos nós, os antigos escoteiros, fazer a favor do Movimento Escotista?» E, respondendo à sua própria pergunta, sugere a criação de uma escola de chefes onde os «antigos» possam trazer a sua experiência e saber, oferecendo assim ao Escotismo um escol de Chefes capaz e habilitado, que parece ser aquilo de que mais se necessita agora.

A assistência aplaudiu interessada esta sugestão, a que nós não podemos negar o nosso modesto, mas sincero e, se necessário, prático apoio.

Falou ainda sobre o papel que cabe à Fraternal na cooperação com os dirigentes do escotismo nacional e terminou fazendo a apologia do Ideal, dizendo que «todo o bem que se fizer em prol do Escotismo, será para o bem dos nossos filhos: o Portugal de amanhã».

Aclamadíssimo pela assistência, o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo foi muito felicitado pelos presentes.

O Com. Melo Machado define o papel do Escotismo no combate à crise moral que se está atravessando

A seguir, usou da palavra o Com. Melo Machado começando por dizer que «não tinha muito prazer em ser histórico em vida».

Agradeceu as provas de carinho recebidas e ao terminar, afirmou que à onda de materialismo que tem invadido o mundo, o Escotismo pode opor uma forte barreira, educando a juventude, tarefa na qual se tem mostrado tão eficiente.

A Comissão Organizadora da Fraternal foi eleita por aclamação

A seguir à alocução do Com. Melo Machado, que recebeu uma grande ovação, procedeu-se à eleição da Comissão Organizadora da Fraternal dos Antigos Escoteiros, sendo a única lista, apresentada pelo "S. P.", composta pelos Srs. Ernâni Roque, Eugénio Ribeiro Nunes, Fernando Bahia dos Santos, Dr. Gonçalo Mesquitela, Eng.º José Maria Nobre Santos, Luís Grau Tovar de Lemos, Associação dos Escoteiros de Portugal representada por Carlos Mexia de Castro Paiva e jornal «*Sempre Pronto*» representado por Ernesto Clímaco do Nascimento.

Por proposta do Sr. Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, esta lista foi aprovada por aclamação.

Os membros da Comissão Organizadora foram chamados junto à mesa da presidência, para serem apresentados à assistência, onde foram aclamadíssimos por todos.

Em nome da comissão falou o Eng.º Nobre Santos, para agradecer os aplausos dos presentes, dizendo que a Comissão está animada de grande boa-vontade e decidida a tornar o Ideal uma forte realidade. Delineou, em rápidas considerações, o que a Comissão pretende fazer.

E, no meio do maior entusiasmo, terminou a grande reunião dos antigos escoteiros que cantaram no fim o Hino da Associação dos Escoteiros de Portugal com grande vibração e alegria.

Entre a assistência notámos mais os Srs. Rui da Silva Paulo, Luís Simões Aurélio, Ruben de Mata, José Rana, António S. Prates, Xavier de Brito, Vítor e Sidónio Alves da Costa, Eurico Sena Cardoso, Júlio Pimentel, José Trancoso, Luís Rebelo Teixeira, Abílio dos Santos, Eduardo Rolão, Raul de Almeida Loureiro, Almerindo Fernandes, Luciano Silva, António Lobo de Carvalho, Aníbal Rodrigues, Albano Costa, António Gomes Vidal, Ernâni Roque, Jaime P. Camecelha, António Manuel Ribeiro, Gustavo Pereira da Costa, Levi Augusto Lobato, Prof. Aníbal Ramos, Manuel Edmundo de Andrade, João Pereira Soares, Luís Tovar de Lemos, Eng.º José Maria Nobre Santos, Manuel Pinto Sant'Ana, Gustavo Moreira, Oliveira Rodrigues, Rasquilho Vieira, Amílcar Fernandes, Mário O. Gonçalves, António Aug. da Silva e Cunha, João Chaubert Alves, José Ferreira Cardoso, Guilherme Neves de Garcia, Francisco Figueiredo Macedo, Carlos Monteiro de Sousa, José Ferreira Amaro, Eduardo Pedro dos Santos Costa, Álvaro Pereira Gomes Jr., Raul Costa, Armando Lino, Rev. Eduardo Moreira, por si e em representação de António A. Dória, José Dionísio dos Santos, Henrique de Azevedo, Emiliano Alvarez y Alvarez, Amílcar Pinto, Fernando Bahia dos Santos, D. Clotilde Ferreira, Renée van Nitsen, Engénio Ribeiro Nunes, Madeira Leitão, Jacques de Almeida, Júlio Leão de Almeida, João Patrício de Melo, Gastão Florêncio, Manuel E. Valença, Fernando Vilar Castel Branco, Rui Santos, José Vasques Filipe, Gil Serra Pereira, Hermínio Ribeiro, Fausto Sacadura, João Pedro de Figueiredo, José Rodrigues, etc., etc.

O «Sempre Pronto» e a Fraternal

Realizada a eleição da respectiva Comissão Organizadora, o «S. P.», dando por terminada a sua tarefa respeitante à Fraternal, dentro do seu aspecto de organização, entregou todos os documentos em seu poder, respeitantes aos antigos escoteiros, àquela entidade.

Todo o corpo directivo do nosso jornal colaborou na sessão do dia 19, tendo sido os trabalhos, além dos já citados, assim distribuídos:

Registo de presenças: Faustino Leitão e Carlos Fernando Garcia;

Informações à Imprensa: Joel Ribeiro e Ernesto Clímaco Nascimento;

Actas: Capitolino Ferreira Macedo.

A Imprensa e a Fraternal

A Imprensa e a Rádio prestaram valiosos serviços na publicidade da sessão inaugural da Fraternal. Referiram-se largamente ao acontecimento o Rádio Clube Português e os nossos colegas «Diário de Notícias», «República», «Diário de Lisboa», «Diário da Manhã», «O Século», «O Primeiro de Janeiro», «Jornal do Comércio», «A Voz», «Diário Popular», «Ecos de Belém» e «Gazeta do Sul».

O «Sempre Pronto» agradece tão preciosa colaboração.

A Posse da Comissão Organizadora da Fraternal.

No dia 23, realizou-se na sede central a cerimónia de posse dos membros da Comissão Organizadora da Fraternal.

Presidiu o Director do «S. P.» sr. Eduardo Ribeiro, secretariado pelo Administrador deste jornal sr. Capitolino Ferreira Macedo e pelo sr. Luís Simões Aurélio.

O sr. Eduardo Ribeiro fez apresentação dos membros daquela comissão, afirmando que não precisava tecer o elogio de cada uma daquelas figuras, porque todas elas eram de mais conhecidas e apreciadas dentro do Movimento.

O sr. Luís Tovar de Lemos agradeceu as palavras do Director deste jornal e manifestou a boa-vontade de todos os elementos da comissão de trabalharem para se atingir o objectivo desejado. Interpretando a vontade de todos os eleitos, convidou o nosso Director a fazer parte também da Comissão Organizadora, em vista do papel que desempenhou na preparação deste empreendimento.

O sr. Eduardo Ribeiro agradeceu as palavras do sr. Tovar de Lemos, e declarou que em vista da maneira afectuosa como o honroso convite lhe era apresentado, não podia, apesar de todas as suas ocupações, recusar a sua colaboração.

A reunião terminou, tendo os presentes assinado o auto da posse.

A comissão reuniu logo a seguir, para troca de impressões entre os seus elementos e, mediante o acordo de todos, ficaram os cargos assim distribuídos: *Presidente:* Luís Grau Tovar de Lemos; *Vice-Presidente:* Eng.º José Maria Nobre Santos; *1.º Secretário:* Ernâni Roque; *2.º Secretário:* Eduardo Ribeiro; *Tesoureiro:* Eugénio Ribeiro Nunes; *Vogais:* Dr. Gonçalo Mesquitela, Carlos Mexia de Castro Paiva, Fernando Bahia dos Santos e Ernesto Clímaco do Nascimento.

LAURA MORETON

Em 19 de Novembro último, no momento em que os Antigos Escoteiros se começavam a reunir na Sociedade de Geografia, onde evocaram a figura desse saudoso pioneiro do Escotismo Português, Roberto Moreton, aquela que foi sua esposa dedicada, descansava de uma vida de actividade, falecendo repentinamente no momento em que se preparava para ir tomar parte num bazar organizado a favor de uma das obras a que estava ligada.

Laura Moreton foi uma autêntica continuadora da obra de seu marido. Profundamente dedicada à Juventude, era dirigente activa da União Cristã da Mocidade Feminina, e as raparigas tinham nela uma amiga e uma educadora, que muito estimavam.



D. Laura Moreton

O seu falecimento foi, por isso, muito sentido e o funeral teve excepcional concorrência. No Cemitério Inglês, foi posto em relevo o valor do trabalho e a vida exemplar de Laura Moreton, sendo a campa completamente coberta por muitos ramos de flores, homenagem de diversos departamentos especialmente evangélicos.

O Grupo n.º 1 esteve representado pelo seu Chefe e o nosso jornal pelo seu Director.

No dia 30 último, na Igreja Presbiteriana da Rua de S. Bento, efectuou-se um serviço religioso em memória de Laura Moreton, no qual oficiou o Rev. Dr. M. Conceição Júnior. Estiveram presentes o Chefe Regional do Centro, Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento; o Grupo n.º 94, e o 53 fez-se representar por um dos seus escoteiros.

À família enlutada, particularmente a sua filha Sr.ª D. Violeta Moreton Hall, o «*Sempre Pronto*» apresenta condolências.

Os srs. Fernando Bahia dos Santos e Ernesto Nascimento têm a seu cargo ainda as reuniões e festas da Fraternal e o sr. Dr. Gonçalo Mesquitela encarrega-se de toda a propaganda.

A Comissão está reunindo semanalmente para elaborar o plano de trabalhos e Estatutos e agradece todas as sugestões que os «antigos» lhe queiram fazer, bem como mais adesões à Fraternal.

* * *

Continuamos a receber cartas referindo-se à Fraternal em termos que muito desejamos aqui publicar.

A falta de espaço impede-nos, porém, de o fazermos neste número.

DEFININDO CONCEITOS

Quem vive em Portugal o Escotismo Genuíno do Fundador?

No penúltimo número do nosso jornal, a propósito de uma afirmação feita na secção «Escutismo» das «*Novidades*», procurámos definir o que seria o *Escotismo genuíno do Fundador*, concluindo após isso que a orgânica da A. E. P. corresponde melhor ao espírito da doutrina escotista.

O Sr. Coelho de Almeida, autor do artigo das «*Novidades*», em 2 de Novembro último, volta ao assunto para replicar à nossa prosa, dizendo, logo de entrada, que não tínhamos demonstrado a sua sem razão e declarando:—*Claro que não provou... senão que a verdade está à vista*».

E continuando — *Pensámos em dar ao Sr. Eduardo Ribeiro uma resposta desenvolvida, porque também gostamos das «ideias bem claras». Mas preferimos limitar-nos a um breve apontamento, pelo muito respeito que nos merecem irmãos-escuteiros da A. E. P. onde há elementos que muito prezamos e nada têm com o aspecto confuso no tocante, especialmente, ao pormenor espiritual, que sempre lá tem persistido.*

Pois nós, guardando, como sempre, o devido respeito aos nossos camaradas do C. N. E., onde temos amigos, vamos fazer, por nossa parte, alguns apontamentos às afirmações daquele articulista.

* * *

Parece-nos estarem certos os princípios que definimos, como essenciais ao Escotismo genuíno do Fundador, porquanto, o Sr. Coelho de Almeida não teve para eles uma única palavra de discordância. É-nos agradável verificar este acordo porque podemos assim partir de um princípio comum. Igualmente não contestou que a orgânica da A. E. P. está mais de harmonia com o *escotismo genuíno*. De resto a associação britânica fundada por B. P. obedece a moldes semelhantes aos nossos. Uma só associação para grupos de todas as confissões religiosas e justa-confessionais.

* * *

Não nos parece que tenha sido o *muito respeito que lhe merecem irmãos-escoteiros da A. E. P.*, que tenha evitado uma resposta mais desenvolvida, pois, falta a esse respeito ao dizer:

«*E quanto ao afirmar-se que nas fileiras da A. E. P. estão católicos, peço licença para descrer um pouco do catolicismo desses elementos, porquanto se fossem bons católicos, sabendo da existência de uma associação determinadamente católica, não teriam que vacilar na escolha...*»

Na A. E. P. sempre tem havido e há católicos, cabendo-lhes sempre, quase por inteiro, a direcção do Movimento. As suas convicções religiosas merecem-nos o maior respeito.

O Sr. Coelho de Almeida não compreende porque sendo tais elementos católicos não passam para o C. N. E.? Porque estão convencidos de que na A. E. P. vivem melhor o Escotismo genuíno do Fundador. A razão é evidente.

* * *

Não pusemos em dúvida, nem isso mesmo é assunto em que nos compita intervir, que os membros do C. N. E. vivam a sua crença católica, porque, se de alguma coisa tivéssemos de duvidar, seria de que estando muitas das suas unidades tão ocupadas em manifestações religiosas, tenham tempo para fazer Escotismo.

Em tempos, lemos na secção escotista de «*A Defesa*» um artigo sobre «Vida Escotista», por sinal muito interessante, em que o seu autor, membro do C. N. E., afirmava:

«*Contaram-me que num ponto de Portugal (não quero dizer o nome), há uma Alcateia de Lobitos: sabem que fazem eles? Simplesmente isto: nos dias de procissão lá na sua santa terrinha, vão ao gavetão da sacristia, desenterram de lá as fardas, envergam-nas, fazem um figurão no cortejo religioso e... pronto!*»

Acreditamos que isto não seja regra geral no C. N. E., visto que, nos nossos 17 anos de intensa actividade escotista, temos tido oportunidade de confraternizar, até, com bons escoteiros do C. N. E. Mas são estes factos que podemos antepor àqueloutro de «*alguém que fez parte da A. E. P. e se queixava da atitude inconveniente dos seus companheiros quando percebiam que ele se propunha cumprir os seus deveres religiosos*».

Acreditamos, mais do que isso, confessamos mesmo que na A. E. P. há muita coisa que precisa de ser urgentemente posta de harmonia com o espírito do Movimento, mas parece que lá e cá a melhor maneira de o fazer não será vendo *o argueiro no olho do vizinho...*

O Escotismo é em Portugal um movimento ainda muito embrionário. Procuremos desenvolvê-lo para que o valor de cada Associação se veja, sem necessidade de o apregoar.

* * *

Afinal sempre tínhamos razão. Nem só o C. N. E. vive em Portugal o Escotismo genuíno do Fundador. O Sr. Coelho de Almeida prova-o, quando afirma:

«*Baden-Powell quis que todo o escoteiro tivesse uma religião e cumprisse as suas leis...*

«*É possível que os grupos protestantes da A. E. P. cumpram; mas o mesmo se não dá com referência aos elementos de outras religiões, sobretudo os católicos*».

E mais adiante: «*O Sr. Eduardo Ribeiro poderá dizer que o seu grupo protestante também vive a sua crença, e nós acreditamos*».

É louvável esta afirmação de justiça do Sr. Coelho de Almeida, que permite concluir que o Escotismo genuíno do Fundador não é só vivido na sua Associação.

Mas, porque há-de o Sr. Coelho de Almeida perseverar tanto em regras gerais e não admitir que muitos dos elementos católicos da A. E. P. também vivem a sua crença e o escotismo genuíno?

O Escotismo é, como doutrina, essencialmente individual. Cada escoteiro cumpre por si, independente da conduta dos outros. A Lei diz que *o escoteiro* é e não que *os escoteiros* **são**...

* * *

E os restantes escoteiros, aqueles que, de facto, não praticam qualquer religião? Deverão ser, por esse motivo, escorraçados? Não é o Escotismo um movimendo educativo? Se tais afirmam no seu Compromisso o desejo de *Amar a Deus e a Pátria;* como será mais cristão? Tratá-los como irmãos, que realmente são, ou pô-los à margem, fora da grei?

O Escotismo é um movimento admirável pelo seu espírito de bondade, generosidade, tolerância, reais virtudes cristãs. Proporcionemos oportunidade para que todos possam sentir e conhecer o poder precioso que emana da doutrina cristã, lembrando-nos de que Jesus Cristo disse «quem não é contra nós, é por nós».

No Escotismo genuíno do Fundador todos aqueles que prestam Compromisso e se orientam pela Lei, *são por nós*, são irmãos-escoteiros.

EDUARDO RIBEIRO

SECÇÃO TÉCNICA

Ligações de varas

Os trabalhos de campo dos escoteiros são uma técnica interessante e útil, indispensável a quem deseje passar uns dias em contacto com a natureza.

Vamos, pois, ensinar algumas ligações de varas, para depois se-

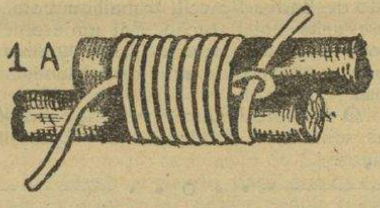


guirmos a pontes e mastros. Que os escoteiros possam encontrar utilidade nestes trabalhos, são os nossos votos. Os desenhos que ilustram estes artigos devem-se ao nosso colaborador M. Tacão Monteiro.

LIGAÇÕES DE VARAS OU TRONCOS REDONDOS

POR MEIO DE FALCASSA

Justapõem-se as duas varas que se pretendem ligar, aplicando-se após *o nó de falcassar*, também



chamado *falcassa*, ou *botão de falcassar*. Não vemos necessidade de explicar como se faz a falcassa, porque, certamente, todos os escoteiros, mesmo o *patatenra*, a sabem fazer. Algum mesmo que esteja es-

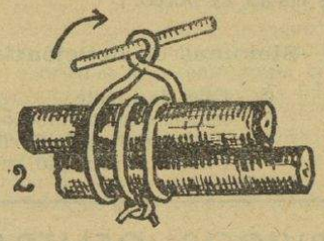


quecido bastará olhar para a *gravura 1* para se recordar. Devemos, porém, esclarecer que ali se vêem as voltas separadas para uma melhor compreensão da maneira de se fazer, mas a forma correcta de ser feita é como se apresenta na *gravura 1-A*, devendo cada volta ser muito bem apertada de per si.

Depois de teres metido a ponta da espia na argola e puxado esta para o meio da falcassa (como tu sabes que se faz), as duas pontas são firmemente seguras com um nó direito para evitar que a falcassa dê folga, como se vê na *gravura 1-B*. E temos assim duas varas ligadas no sentido do comprimento, que podem ser de utilidade para diversos trabalhos como mais tarde veremos.

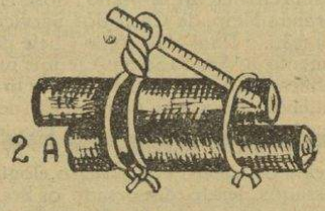
POR MEIO DE GARROTE

Colocam-se as varas da mesma forma, justapostas. Com uma espia dão-se duas voltas na vara e segu-



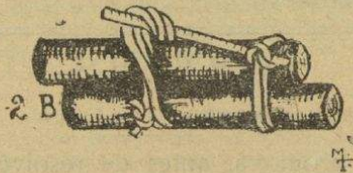
ram-se as pontas com o nó direito tal como se vê na gravura 2.

Mete-se uma vara na espia (repara bem na gravura 2), e aplica-se o garrote. Com uma outra espia



com menos espessura sustém-se a vara do garrote, *gravuras 2-A* e *2-B*.

Se em vez das varas de escoteiro se aplicarem troncos de árvore ou varas grosseiras, para uma



melhor segurança, poder-se-á aplainar uma face de cada vara, sòmente nas extremidades que se justapõem. No caso do garrote, poder-se-á fazer uma pequena cava na vara para suster a espia utilizada neste.

O 21.º Aniversário do Grupo n.º 85

No dia 12 de Novembro p. p. o Grupo n.º 85, que tem a sua sede provisória instalada na Sede Central, comemorou o 21.º aniversário, com uma sessão íntima que reuniu todo o seu efectivo.

O Chefe interino do Grupo, Sr. Artur Ferreira Manso, leu a O. S. que concede algumas medalhas e outras recompensas.

No final foi servido um chá, que serviu de pretexto para uns momentos de camaradagem.

CHEFES

O Chefe João Mós, nosso compatriota, que no Brasil exerce uma actividade escotista profícua, inicia hoje nestas colunas um estudo sobre o problema dos Chefes. Dado que o Chefe Mós é particularmente autorizado para tratar deste importante assunto, já que é um dos directores do Campo-Escola «Ilatiaia» do Escotismo Brasileiro. Os seus trabalhos, que muito agradecemos, vão, certamente, despertar vivo interesse.

O problema dos Chefes é tão importante quanto o próprio desenvolvimento do Escotismo; pode-se mesmo dizer que está em relação directa com este, isto é, quanto maior for o número de escoteiros, maior terá de ser o de Chefes.

O Movimento precisa, não de Chefes que tenham apenas boa vontade, mas sim de Chefes competentes, sem o que o Movimento jamais atingirá o seu objectivo: preparar uma juventude para melhores dias.

O Escotismo, hoje, não comporta mais no seu corpo de Chefes, pessoas apenas bem intencionadas, mas só aquelas que sejam capazes de chefiar e instruir os escoteiros que lhes forem confiados.

Para que uma pessoa possa, técnica e moralmente, dirigir um Grupo de Escoteiros, deve ter, como condição primordial, além dos quesitos pessoais próprios de escoteiro, um Curso de Chefe, no qual tenha «vivido» uma vida idêntica àquela em que os seus escoteiros deverão «viver», isto é: na prática e gozo do verdadeiro escotismo.

Para a formação de Chefes são necessárias duas cousas primordiais: 1.ª, ter o aluno-chefe conhecimentos diversos e vocação, que são as qualidades pessoais; 2.ª, possuir a Entidade um Curso de Chefes, devidamente instalado e organizado, que são os meios para que os alunos-chefes fiquem aptos a desempenhar tão nobre missão para com o próximo, quanto útil a si mesmo, assim nos diz o nosso Baden-Powell: «O escotismo nada tem de ciência infusa, é um jogo atraente, e tão útil a quem recebe, como a quem dá a instrução».

Desejando daquém-mar colaborar com os meus patrícios, vou tentar tratar deste magno assunto, dividindo-o em 3 partes, e que serão oportunamente publicadas:

I—Para ser Chefe-Escoteiro;

II—Organização de um Curso de Chefes;

III—Organização de um Campo-Escola.

Os responsáveis pelo Movimento devem considerar que o problema de Chefes é o primordial. Não

(Conclui na 6.ª página)

Mais 200 assinaturas

A campanha para mais 200 assinaturas prossegue e, embora tenha diminuído o ritmo dos primeiros dias, continuamos a registar a entrada de novos assinantes, quer directamente, quer por intermédio de outros amigos nossos.

Temos hoje o prazer de registar os seguintes:

Srs. Tenente Carlos Cascais Eusébio, Sidónio Lobo Pimentel, Mário Amorim Viçoso, Eduardo Jacinto Pires, Raul Roseiro, António Casimiro de Carvalho, Alberto de Almeida e António Carlos S. Morgado. E ainda da Beira, Moçambique, os Srs. Manuel Joaquim Rocha e Alfredo Barreto Correia.

De Angra do Heroísmo, Açores, o nosso dedicado correspondente, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, escreve-nos afirmando a sua satisfação em colaborar na campanha para aumento de assinaturas e informando-nos para aumentar em três exemplares o número de jornais a seu cargo, que atinge assim 50.

A todos os assinantes e ao nosso camarada Moniz Silva apresentamos muitos agradecimentos.

Registámos em Outubro 95 novas assituras. Com mais 13, totalizam 108. Quem nos ajuda a atingir as 200 ?

• • o • •

Duas mensagens a propósito da Fraternal

Dois dos nossos Amigos, antigos escoteiros, que não puderam estar presentes na reunião da «Fraternal», escreveram-nos para nos afirmar, mais uma vez, a sua identificação com o espírito do movimento que surge.

A primeira mensagem, do nosso estimado Camarada Belo Redondo, diz-nos:

Meu caro Eduardo Ribeiro:

Sinto que motivos de trabalho me impeçam de estar presente na reunião de hoje. Através da Fraternal que vai fundar-se, compreendo o apelo que dirigis à Juventude que partiu.

A Fraternal envolve o compromisso de sermos sempre moços na manutenção de espírito escotista que nos ligou. Saio também dos escombros do Passado, para vos acompanhar na nova caminhada. Estou convosco —em fraternidade.

Teu irmão escoteiro
Belo Redondo

Por sua vez, o nosso prezado Amigo Eduardo Quintino Pinheiro, em telegrama de Coimbra, exprime assim os seus votos de felicitações:

Cumprimento ilustres componentes mesa sessão. Associo-me espiritualmente manifestação prò ambicionada Fraternal. Abraços calorosos a irmãos presentes e ausentes longínquas terras Império Português —Quintino (do Dois).

★ ● ★

O 37.º Aniversário do 2.º grupo

Para comemorar o 37.º aniversário do Grupo n.º 2, pedimos aos nossos amigos Srs. Xavier de Brito e Abílio dos Santos, escoteiros fundadores daquele Grupo, umas linhas recordando os primeiros tempos daquela histórica unidade. Estes nossos amigos gentilmente acederam ao nosso convite, enviando-nos prontamente a sua colaboração que, por absoluta falta de espaço, não publicamos neste número, mas que contamos fazê-lo no número de Janeiro. Pedimos desculpa àqueles nossos prezados amigos e aos nossos leitores.

Vitaminas — Lubrificantes do Organismo

(Continuação)

VITAMINA B

FONTES

Excelente	Boa	Suficiente
Lêvedos	Gema de ovo	Laranjas
Trigo germinado	Ovas de peixe	Tomates
Extractos de lêvedo	Fígado	Alcachofras
Cascas de cereais	Coração	Alhos porros
Trigo negro	Trigo integral	Batatas
Amendoins	Rins	Pastinaga
Ervilhas secas	Centeio	Couve
Feijão	Milho	Agriões
Lentilhas	Aveia	
Nozes	Cevada integral	
Fígado	Arroz de casca	
Carne magra de porco		

N. B.—**Sintomas de deficiência de vitaminas B**

Falta de apetite.
Palpitações do coração, repiração difícil.
Aumento do lado direito do coração, prisão de ventre.
Diarreia, emaciação, neurite periférica, crescimento retardado.

SERVIÇOS CENTRAIS

No passado dia 12 de Novembro, na Sede Central, tomaram posse dos cargos para que tinham sido recentemente nomeados, os Srs. Ernesto Clímaco do Nascimento, nosso camarada de redacção, de Chefe Regional do Centro; Joaquim Serra Pereira, de Tesoureiro Geral Adjunto; José Manuel de Miranda Melo, de Chefe dos Serviços de Divulgação; e Raul Matoso, de Chefe do Departamento de Acção Social. Os dois primeiros ratificaram o Compromisso de Honra, e os dois últimos prestaram Compromisso de Honra escrito, visto não terem sido escoteiros.

O Secretário Geral da A. E. P., Sr. Carlos Mexia de Castro Paiva, fez o elogio dos empossados, tendo discursado os Srs. João Madeira Leitão e Avelar Machado, Presidente da Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa, que fizeram o elogio dos novos Chefes.

Estavam presentes os Chefes dos Grupos 1, 2, 5, 9, 13, 85 e 94. O nosso jornal esteve representado pelo seu Director.

No final foi servido um *Porto de Honra* aos presentes.

CHEFES

(Conclusão da 5.ª página)

se promova, antes de resolvê-lo, outra qualquer medida de aperfeiçoamento.

No escotismo, que é um movimento educativo, o Chefe, pelo seu espírito altruístico e pelo seu exemplo, é a alma e o factor preponderante de um bom êxito.

O problema do Chefe é decisivo para que o Movimento escoteiro seja realmente um movimento de educação, e não uma organização de alguns aglomerados de rapazes.

Mas estes Chefes não podem e nem devem ser improvisados. Para que se resolva tão magno problema, é que as Entidades escoteiras no nosso país devem organizar os Cursos de Chefes, e possìvelmente instalar Campos-Escolas.

João Mós

Dr. Walter de Bonstetten

Em 4 de Novembro último, faleceu na Suíça o Dr. Walter de Bonstetten, dirigente escotista prestigioso desde 1912. Foi um dos fundadores da Federação dos Escoteiros Suiços e seu Presidente de 1918 a 1927 e de 1934 a 1942. Foi também membro do Conselho Internacional de Escotismo de 1927 a 1947 e era actualmente seu Vice-Presidente Honorário.

Foi fundador do Clube Alpino de Escoteiros e o Chalet Internacional de Kandersteg foi obra sua.

O Dr. Bonstetten, que era amigo dedicado de Baden-Powell, trabalhou com ele em estreita colaboração. Foi um escoteiro que bem-serviu, falecendo com 82 anos de idade e 37 anos de actividade escotista intensa.

O «*Sempre Pronto*» apresenta condolências sentidas à Federação dos Escoteiros Suiços.

• • o • •

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Marcha Escotista—Integrado no seu programa de trabalho, efectuou, em 18 de Setembro p. p., a patrulha D. João I deste Grupo, uma marcha escotista à vizinha vila de Torres Novas, durante a qual se praticou o seguimento de pista.

Casamento—Em Mourão, consorciou-se no dia 9 de Setembro p. p., o escoteiro deste Grupo, Sr. João Cecílio, com a Sr.ª D. Alexandra Rosa Fernandes. Apadrinharam o acto, por parte do noivo, os Srs. José Raminho e Joaquim António e, da noiva, a Sr.ª D. Alexandra F. Mendonça. Aos noivos, apresenta o 84 sinceros parabéns, desejando-lhe um futuro risonho, votos a que o «*Sempre Pronto*» se associa.

Visita—De passagem por esta localidade, teve a amabilidade de nos procurar o Sr. Joaquim Serra Pereira, Tesoureiro Adjunto da A. E. P., com quem tivemos o prazer de trocar algumas impressões sobre o escotismo. O 84 apresenta os seus melhores agradecimentos por esta visita.

O "SEMPRE PRONTO,,

Vende-se em Lisboa na

TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO

Rua do 1.º de Dezembro

(Frente à Estação do Rossio)

O ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPOS N.os 2 e 53

Estes dois grupos comemoraram no dia 1.º de Dezembro corrente, respectivamente o 37.º e 16.º aniversários, com diversas cerimónias a que nos referiremos no próximo número.

Aproveitamos, no entanto, o ensejo para manifestar aos Grupos n.os 2 e 53 os nossos votos de bons progressos, com as nossas felicitações.

GRUPO N.º 53

Sessão de despedida

No dia 25 de Novembro, efectuou-se na sede deste Grupo uma sessão íntima de despedida do Presidente da sua Direcção, Sr. Rev. António Pinto Ribeiro Júnior, que, no dia 8 do corrente, embarca no «Império», em companhia de sua Esposa e filhos, com destino a Angola, onde vai servir no campo missionário.

O Grupo 53, que teve no Rev. Pinto Ribeiro um Presidente dedicado, ofereceu-lhe um chá que foi pretexto para que os Escoteiros lhe manifestassem a sua muita amizade, que o Chefe Lino pôs em relevo, dizendo da gratidão de todos e da saudade com que viam partir o seu irmão mais velho, terminando por lhe entregar a medalha de Dedicação, ouro, com que foi agraciado pelos Serviços Centrais da A. E. P.

O Rev. Pinto Ribeiro agradeceu comovido a homenagem que se lhe acabava de ser prestada, e afirmou a sua muita estima pelos escoteiros do 53, Grupo onde tinha sempre encontrado uma boa colaboração e amigos dos melhores. Agradeceu a presença de todos, afirmando a sua satisfação pela boa camaradagem que existia no Grupo, referindo-se ao espírito de dedicação do Chefe Lino.

Terminou apelando para que os escoteiros procurassem sempre seguir o Escoteiro-Perfeito — Jesus Cristo — o amigo em que todos podiam confiar, sem receio.

O Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, impedido de comparecer por motivos profissionais, enviou uma mensagem de saudação, louvando os escoteiros pelo seu espírito de gratidão.

Estiveram ainda presentes a Sr.ª D. Violeta de Figueiredo, o antigo Chefe do 53, Sr. João Pedro Figueiredo e o Director do nosso jornal, que usou da palavra para agradecer a oportunidade que o Chefe Lino lhe tinha dado, com o seu convite, de estar presente naquela reunião e poder assim agradecer ao Rev. Sr. Pinto Ribeiro a colaboração prestada sempre de boa vontade, ao *«Sempre Pronto»*, formulando votos de muito boa viagem.

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Visita—No passado dia 30 de Outubro, deram-nos o prazer da sua visita os escoteiros do Grupo 91, de Gaia, Sub-Guia Renato Fernando Monteiro e seu irmão José Fernandes Monteiro.

Doentes—Tem estado gravemente doente o Pai do nosso estimado amigo Sr. Mário Rocha Santos, Chefe Administrativo do Grupo 53. Fazemos votos de melhoras.

● Encontra-se bastante doente o nosso amigo Sr. Raul Matoso, Chefe dos Serviços de Acção Social da A. E. P. Fazemos votos de completo restabelecimento.



Grupo n.º 6 — Olhão

O Grupo n.º 6 efectuou mais uma vez o exercício-jogo anual, para a disputa da Taça «João Trigueiros», que foi disputado entre as 6 patrulhas do Grupo, no Serro da Cabeça, verdadeiro matagal, repleto de rochas e grutas.

As Patrulhas, que se deslocaram de comboio até à Fuzeta, a partir de Alfandanga, começaram o exercício com a abertura de sobrescritos que lhes haviam sido entregues. Daí em diante tiveram de seguir isoladamente, partindo com intervalos de 20 minutos, e orientando-se pelo mapa contido nos sobrescritos e auxiliados pela bússola.

O exercício baseava-se na conquista dum tesouro, defendido por «índios» (Patrulhas Tigre, Águia e Leão) e atacado por escoteiros (Patrulhas Galo, Andorinha e Egas Moniz), localizado próximo do marco geodésico.

Os Dirigentes, que se haviam deslocado de bicicleta e ainda de noite para o local, transmitiram instruções às Patrulhas atacantes para começarem o ataque às 11,30.

Entretanto, já todas, incluindo as defensoras, tinham seguido pistas e encontrado mensagens e por último um bocado de mapa que junto a outro bocado que era preciso conquistar, indicaria o local do tesouro. Nessa altura, as Patrulhas defensoras chegadas pelo lado Oeste, tinham subido o serro e tomado posições. E o jogo começou, sucedendo-se a luta dos projécteis, perseguições, fugas, onde foram postos à prova o espírito de lealdade, de cooperação, de iniciativa, assim como a agilidade, destreza e astúcia dos participantes.

O exercício findou com a vitória da Patrulha Águia que mais depressa conquistou o outro bocado do mapa e entrou com ele na zona neutra, onde já não era permitido o combate. Aí teve essa Patrulha, ainda para descobrir o almejado tesouro, de pôr à prova os seus conhecimentos de orientação, seguindo-se o tratamento de todos os «feridos» pois os escoteiros traziam num dos bolsos um papel com a indicação de um ferimento.

Estas actividades despertam grande interesse aos Escoteiros e oferecem-lhe oportunidade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas reuniões de patrulha, além de satisfazerem o desejo de aventura, aplicado numa acção onde não falta movimento nem imprevistos, ao mesmo tempo que proporciona excelente exercício físico, desenvolve energias, educa a vontade e o espírido de lealdade.

EGAS RISONHO

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Em 14 de Setembro p. p. comemorou-se o 4.º aniversário da fundação da D. A. F. local. Na pequena festa apresentou as suas despedidas, em ambiente de cordial amizade, a Chefe de Equipa, Bernardete Solá da Cruz, que dentro de dias parte para Baiona, em França. Pelo Chefe e Sub-Chefe do Grupo foram postas em destaque as esplêndidas qualidades de carácter e de trabalho de Bernadete, sempre na vanguarda das boas iniciativas e realizações, tendo-lhe sido oferecido, como lembrança, o livro «Guia do Escoteiro» com dedicatória e assinaturas de todos os presentes. Esta agradeceu, muito comovida, fazendo votos pela boa continuidade e progresso do Escotismo. A findar a festa foram servidos chá e bolos, oferta de alguns dos presentes, cantando-se várias canções escotistas.

LOBO ALGARVIO

12.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESCOTISMO

Com data de 17 de Novembro último, recebemos da Delegação em Lisboa da Junta Central do Corpo Nacional de Escutas o ofício que abaixo publicamos. Muito embora já tivéssemos dado o assunto por devidamente esclarecido, não queremos deixar de proporcionar oportunidade a que aquela Delegação faça o seu depoimento, embora lamentando que um assunto de lana caprina *nos force a ocupar um espaço precioso.*

Em nota ao ofício transcrito no n.º 55 do Jornal que V... dirige, ofício esse assinado pelo Sr. Jorge Brotas Cardoso, se declara considerar suficientemente esclarecido e encerrado o assunto relativo à chefia da Delegação Portuguesa à XII Conferência Internacional de Escutismo na Noruega.

Preferimos não comentar o tom francamente descortês desse ofício, a sem razão dos argumentos expostos e a afirmação pueril de que poderia ter feito valer as suas pretendidas funções, mas cumpre-nos, para esclarecimento de V... e dos leitores do do seu Jornal, transcrever uma parte do nosso ofício de 10 do corrente que dirigimos ao Presidente da A. E. P. em resposta ao ofício emanado daquela Associação e assinado pelo Sr. Jorge Brotas Cardoso, após o nosso protesto:

«Chefia da Delegação — nunca as duas Associações tomaram qualquer decisão definitiva, quer verbal ou escrita, embora enquanto se preparava o Contingente para Moisson se tivesse ventilado o assunto, que todavia se não concretizou em virtude de se haverem malogrado os esforços para o envio do Contingente previsto e no seu lugar terem seguido apenas grupos simbólicos sob a chefia dos Srs. Brotas Cardoso e Gonçalves Rodrigues, respectivamente responsáveis pelos elementos de cada uma das Associações. Quanto ao caso do Dr. José Francisco dos Santos a sua nomeação foi independente de toda e qualquer combinação, e imposta, por assim dizer, pelo Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa que pretendia um *responsável oficial e único* para o conjunto da representação portuguesa.»

Para mais, no Gabinete do Sr. Presidente da A. E. P. numa ocasião em que o 1.º Signatário juntamente com o Secretário das Relações Internacionais da A. E. P., Sr. Henrique Alves de Azevedo se avistaram com o mesmo, a uma sugestão do Sr. Henrique Alves de Azevedo para se escolher um Chefe para a Delegação, foi-lhe respondido que tal não era necessário pois que iam três representantes autorizados de cada uma das Associações e pelas pessoas que são, de certo se entenderiam como de facto aconteceu.

Como V... vê o Sr. Brotas Cardoso intitulou se indevidamente Chefe da Delegação Portuguesa à Conferência Internacional.

Esperando da lealdade escutista de V... a publicação integral da presente carta no próximo número do *"Sempre Pronto,,*; por acharmos desnecessário invocar quaisquer outros direitos, apresentamos a V... a expressão da nossa fraternal estima, subscrevemo-nos.

Irmãos Escutas e «ALERTA»

Os Delegados da Junta Central

(a) Victor de Lima e Santos

Secretário das Relações Internacionais

(a) Eng.º João Albino de Garcia Cabral

Chefe da Região de Lisboa

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

UNS DIAS EM ESPANHA

Recordações da nossa visita aos antigos escoteiros do país vizinho

(Conclusão do número anterior)

Martinez é uma figura curiosa: alto e magro, de trato agradável e delicado, é sempre uma nota de bom-humor em qualquer conversação.

Uma manhã estávamos com ele e Moragues, sentados numa esplanada dum jardim de Valência, falando acerca de Portugal, quando calhou referirmo-nos aos célebres oquistas portugueses, campeões do Mundo.

Martinez quis saber se entre nós se praticava também o óquei sobre gelo. É claro que respondemos negativamente e esclarecemos que no nosso país não havia sequer pistas para a prática desse desporto.

Moragues, comentando a nossa afirmação, ajuntou:

—Nos países nórdicos é que há muitas pistas geladas...

Ao que Martinez acrescentou irònicamente:

—E, segundo dizem, é no Alasca onde as há em maior quantidade...

* * *

A formosa ilha de Maiorca, do arquipélago das Baleares, a que o azul forte do Mediterrâneo vem emprestar maior beleza, é um centro turístico de primeira ordem. Dia após dia, na época calmosa, ali chegam numerosos excursionistas, em mira de refrescar-se nas praias encantadoras e admirar as belezas dos campos e das montanhas.

Durante a nossa viagem, demos um salto a essas paragens de encanto e, nalgumas excursões em que tomámos parte através da ilha, visitámos as famosas grutas do Drach, em Porto Cristo, e as de Manacor. Não podemos esquecer aqueles momentos de sonho que passámos no interior daquelas maravilhas que a Natureza construiu. Parecia que ante os nossos olhos se abria uma página maravilhosa das «Mil e Uma Noites»... Cidades estranhas e fantásticas, com torres e cúpulas em profusão, lagos, cuja água na sua quietude parecia um espelho de um azul puríssimo, Vírgens, catedrais com as suas agulhas afiadas, tudo isto ali fomos descobrir. Num grande anfiteatro, reuniram-se todos os visitantes, perto de mil, para assistir a um espectáculo inolvidável: à nossa frente estendia-se, por entre colunas marmóreas e cortinas de finíssimos rendilhados, as águas brandas de um grande lago subterrâneo. Uma música dolente, finíssima, chegava docemente aos nossos ouvidos. Sobre a multidão, ainda há pouco faladora e ruidosa, caiu repentinamente um manto de silêncio, todos procurando ouvir a melodia que se elevava das águas tranquilas. As águas azuladas começam agora a agitar-se sob os remos misteriosos que saíam de um barco de contornos iluminados. Era um concerto maravilhoso de palácios orientais. As notas suavíssimas desdobravam-se com harmonia de abóbada em abóbada, enquanto o barco prosseguia mansamente a sua rota...

Não sabemos quanto tempo durou este espectáculo estranho. Só sabemos que, daí a pouco, quando a luz do sol nos batia no rosto, parecia que vínhamos de um outro mundo muito longe...

* * *

Barcelona é, sem dúvida, a capital do trabalho. Nas suas ruas sente-se um ambiente de vida febril. São pessoas que correm ao seu trabalho, eléctricos, autocarros e automóveis que rodam velozmente através das extensas avenidas, troleibus carregados de passageiros, pessoas que descem e sobem as escadas do metropolitano. Ao atravessarmos um viaduto ouve-se o silvo estridente de um comboio que passa por baixo. É isto Barcelona.

Só ali estivemos três escassos dias. Mesmo assim tivemos ocasião de conhecer alguns dos antigos escoteiros catalães que nos fizeram uma recepção que jamais poderemos esquecer. Um dos nossos amigos, possuidor de um automóvel, gentilmente se pôs à nossa disposição e assim foi-nos dado o prazer de percorrer ràpidamente os pontos mais importantes da cidade num curto espaço de tempo. O Bairro Gótico, a admirável Catedral, o Templo da Sagrada Família, em construção, notável concepção de um grande arquitecto da Catalunha, tudo isto foi por nós visitado sempre na companhia daqueles camaradas. Subimos ainda a Montjuich onde pudemos admirar um excelente panorama sobre a cidade.

A hospitalidade dos Catalães é uma das melhores recordações que trazemos da nossa viagem. Tudo quanto ali presenciámos confirma que a palavra «fraternidade» não é vã entre aqueles amigos.

* * *

Numa sexta-feira de manhã, deixámos Barcelona a caminho de Madrid. A nossa digressão por terras de Espanha estava quase a terminar.

Mais um dia em Madrid e, num sábado à noite, no Lusitânia, partíamos em demanda desta cidade, que entre todas é princesa.

Não esquecemos nem esqueceremos a amizade com que fomos recebidos naquelas cidades de Espanha. Estes acontecimentos ficarão gravados nos nossos corações como momentos indiscritíveis.

Duma coisa temos a certeza: a nossa dívida para com os nossos amigos espanhóis é tão grande que não sabemos como a poderemos pagar. Em toda a parte recebemos provas de carinho que se estendiam a todos os nossos camaradas portugueses. Todos queriam saber como caminhava o Escotismo em Portugal e todos desejavam as maiores prosperidades ao nosso Movimento. Obrigado, dizemos nós agora, e que em breve todos os nossos irmãos do país vizinho possam ter a permissão de encetar as suas actividades escotistas e novamente envergar os seus uniformes. São estes os nossos desejos!

J. R.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

Ajuri Escoteiro Nacional

A Federação Pernambucana de Escotismo prepara cuidadosamente o acampamento nacional do Brasil que se efectuará de 22 a 29 de Janeiro próximo, numa pitoresca mata na margem do rio Beberibe, perto da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, e a terceira cidade do Brasil.

A inscrição para o grande acampamento está aberta a todos os Escoteiros de classe, especialmente de 1.ª classe e da Pátria, com a idade mínima de 14 anos, e tudo se prepara para que este Ajuri venha a constituir um acontecimento importante.

Foram constituídas três Comissões, de Honra, de Patrocínio e Executiva. Da primeira fazem parte os Srs. Governador do Estado, Comandantes Militares, Arcebispo Metropolitano, Presidentes do Tribunal, da Assembleia Legislativa, da U. E. B. e da C. B. dos Escoteiros de Terra. Da segunda os mais destacados dirigentes do Escotismo Brasileiro. E, da última, o Chefe Sr. Arlindo Ivo da Costa, a quem cabe a Direcção Geral e Chefia do Campo, e os Chefes Srs. Vicente Tiago de Lira, António Rego Matos, Wilson Valença, João G. de Vasconcelos, Hermes de Paula e Silva, Ludovico Cavalcanti e Paulo Correia.

BALCÃO ESCOTISTA

FILATELIA

Escoteiro deseja trocar selos de correio usados, nacionais e estrangeiros.

Un Scout veut changer des timbres-poste oblitérés.

Scout wiches to exchange used post stamps.

Resposta / Réponse / Reply { N.º 1-F. — «*Sempre Pronto*» Trav. Vitorino de Freitas, 9 LISBOA